



COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DE DOIS TRECHOS DE MATA CILIAR NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA SERRA DAS ARARAS, PROVÍNCIA SERRANA, MATO GROSSO

R. Segalla¹, R. M. Valadão², R. M. Rondon-Neto³ & E.G. dos Santos⁴

1. Mestranda em Agricultura Tropical FAMEV/UFMT 2. Analista Ambiental da ESEC Serra das Araras (IBAMA/MT) 3. Prof. Dr. do Departamento de Engenharia Florestal UNEMAT/Alta Floresta-MT 4. Graduanda do Curso de Ciências Biológicas, Instituto de Biociências/UFMT.

INTRODUÇÃO

Entende-se por mata ciliar a vegetação florestal que ocupa áreas ao longo dos cursos d'água de médio e grande porte (Ribeiro & Walter, 1998), nos quais pode estender-se por dezenas de metros a partir das margens e apresentar marcantes variações na composição florística dependendo das interações que se estabelecem entre o ecossistema aquático e o terrestre adjacente (Oliveira-Filho, 1994), resultando numa composição florística mista, com espécies típicas das margens de rios e formações contíguas (Ivanauskas *et al.*, 1997).

Análises florísticas permitem comparações dentro e entre formações florestais no espaço e no tempo, gera dados sobre a riqueza e diversidade de uma área, além de possibilitar a formulação de teorias, testar hipóteses e produzir resultados que servirão de base para outros estudos (Melo, 2004). A evolução de trabalhos como este tem permitido melhores resultados, tanto para os dados referentes à biodiversidade, como para o entendimento da dinâmica florestal, subsidiando as discussões de conservação, manejo e recuperação dessas fitofisionomias (Durigan, 2000).

OBJETIVO

Determinar a composição florística do componente arbustivo e arbóreo da vegetação ciliar do rio Camarinha na Estação Ecológica Serra das Araras, em Mato Grosso, sendo uma porção preservada e outra em processo de sucessão secundária.

MATERIAL E MÉTODOS

A Estação Ecológica Serra das Araras é uma unidade de conservação de proteção integral sob administração do IBAMA-MT. Ocupa 28.700 ha (50 X 8 Km), no sudoeste do Mato Grosso, nas cidades de Porto Estrela e Cáceres (latitudes 15°33'-15°39' e longitudes 57°03'-57°19'). Faz parte da unidade geomorfológica Província Serrana, um corredor que

sai da Amazônia, passa pelo Cerrado e termina no Pantanal, correspondendo as bordas do planalto central. A região da unidade destaca-se das demais áreas do entorno por se encontrar fisicamente isolada e apresentar relevos e altitudes bem diferenciados das regiões adjacentes.

Para análise da vegetação foram consideradas angiospermas arbustivas e arbóreas coletadas ao longo de 12 transectos de 100 m perpendiculares ao curso d'água Camarinha, sete no trecho natural (não alterado) e sete no em processo de sucessão secundária, ocasionada pela eliminação da vegetação a cerca de 30 anos para fins agrícolas. As espécies foram identificadas por comparação na coleção do herbarium da UFMT, com bibliografia especializada e por especialistas.

Para comparação entre o número de espécies da área foi utilizado o teste Chi-Quadrado (χ^2), com nível de significância de 0,05 (Zar, 1999), e para análise da similaridade o Índice de Sørensen (Magurran, 1988).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Registrou-se para a mata ciliar do Camarinha um total de 165 espécies, distribuídas em 52 famílias e 111 gêneros. As famílias com maior número de espécies foram Leguminosae com 28 espécies (17%); Rubiaceae com 11 spp. (6,6%); Annonaceae, Chrysobalanaceae, Euphorbiaceae e Sapotaceae todas com 8 spp. (4,8%) cada; e Myrtaceae com 7 spp. (4,2%), tais dados corroboram com outros trabalhos realizados em matas ciliares em que houve predominância da maioria dessas famílias inclusive Leguminosae (Borghini, *et al.*, 2004; Battilani *et al.*, 2005). Para a área natural foram registradas 127 espécies distribuídas em 50 famílias e 93 gêneros, enquanto que para o trecho em regeneração registrou-se 124 espécies, 46 famílias e 97 gêneros. Quando comparadas ambas áreas, verificou-se que os dados obtidos não foram suficientes para afirmar-se, estatisticamente, que houve diferenças significativas entre o número de

espécies das duas áreas ($c^2=0,038$; $GL=1$; $p>0,05$). Entretanto, ao se comparar a composição florística dessas, tem-se que 41 espécies foram exclusivas do ambiente natural, 38 foram exclusivas da área em regeneração e 86 ocorreram nos dois ambientes. Mesmo apresentando tal diferença, ao se aplicar o Índice de Sørensen tem-se uma similaridade de 0,685, considerada alta entre as áreas (Felfili & Rezende, 2003), o que permite inferir que em aproximadamente 30 anos após período perturbativo, a área se encontra em processo avançado de regeneração.

CONCLUSÃO

A análise da composição florística de ambas áreas estudadas mostrou que estas diferem na composição de espécies mas não no seu número. Esse resultado permitiu aferir que após perturbação, o fato de ter mantido a área livre de intervenções de ordem não natural, proporcionou avanço considerável no processo regenerativo ainda que não tenha possibilitado o clímax. Contudo, monitoramentos contínuos poderão validar tais assertivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Battilani J. L.; Scremin-Dias, E. & Souza, A.L.T. 2005.** Fitossociologia de um trecho da mata ciliar do rio da Prata, Jardim, MS, Brasil. *Revista Acta botânica brasílica* **19**(3): 597-608.
- Borghi, W. A.; Martins, S. S.; Del Quiqui, E. M & Nanni, M.R. 2004.** Caracterização e avaliação da mata ciliar à montante da Hidrelétrica de Rosana, na Estação Ecológica do Caiuá, Diamante do Norte, PR. *Cad. Biodivers* **4**(2): 9-18.
- Durigan, G.; Rodrigues, R. R. & Schiavini, I. 2000.** A heterogeneidade ambiental definindo a metodologia de amostragem da floresta ciliar. In: R. R. Rodrigues & Leitão Filho, H.F. eds: *Matas ciliares: conservação e recuperação*. EDUSP. P. 159-167.
- Felfili, J.M. & Rezende, R. P. 2003.** Conceitos e Métodos em Fitossociologia. *Comunicações técnicas florestais* **5**(1): 1-67.
- Ivanauskas, N.M.; Rodrigues, R.R. & Nave, A.G. 1997.** Aspectos ecológicos de um trecho de floresta de brejo em Itatinga, SP: florística, fitossociologia e seletividade de espécies. *Revista Brasileira de Botânica* **20**(2): 139-153.
- Melo, M. S. 2004.** Florística, fitossociologia e dinâmica de duas florestas secundárias antigas com história de uso diferentes no nordeste do Pará-Brasil. Piracicaba-SP: Esalq/USP (*Dissertação de mestrado*). 134p.
- Oliveira Filho, A.T.; Scolforo, J.R. & Mello, J.M. 1994.** Composição florística e estrutura comunitária de um remanescente de floresta semidecídua montana em Lavras (MG). *Revista Brasileira de Botânica* **17**: 159-174.
- Magurran, A. E. 1988.** Ecological diversity and its measurement. Princeton University Press, Princeton, USA.
- Ribeiro, J. F. & Walter, B. M. T. 1998.** Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: Sano, S. M. & ALMEIDA, S. P. Orgs. *Cerrado: ambiente e flora*. Planaltina, DF: Embrapa. P. 89-166.
- Zar, J. H., 1999.** *Biostatistical analysis*. New Jersey: Prentice Hall. 663 p.